

ATIVIDADES COTIDIANAS, DEPOSIÇÃO DE REFUGO E AÇÃO DO ARADO: PROCESSOS DE FORMAÇÃO DO REGISTRO ARQUEOLÓGICO NO ESPAÇO DE UMA SENZALA DE CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Isabela Cristina Suguimatsu¹

Luís Cláudio Pereira Symanski²

RESUMO

Este artigo tem por propósito apresentar os resultados do estudo dos processos de formação do registro arqueológico em um setor da senzala do Colégio dos Jesuítas de Campos dos Goytacazes (RJ). Esse espaço foi submetido à ação antrópica recente relacionada, sobretudo, à aragem para fins agrícolas. Nesse sentido, o propósito da pesquisa foi avaliar a ação do arado sobre o registro arqueológico considerando o seu impacto sobre a integridade das três principais categorias materiais que compuseram esse registro — ossos, louças e cerâmicas — em três níveis de ocupação e em dois contextos deposicionais distintos, um caracterizado pelo descarte primário e outro pelo descarte secundário. No caso do primeiro contexto, que foi um espaço de convívio cotidiano dos cativos adjacente à uma das unidades de habitação, o material foi fortemente impactado ainda no momento em que o registro arqueológico se formava e, muito posteriormente, pela ação do arado. No segundo contexto, que consistiu em uma concavidade aberta para a deposição de refugo, o material apresentou maior grau de integridade nos níveis mais profundos, porém, no nível mais superficial, o padrão de fragmentação apresentou-se similar ao evidenciado no primeiro contexto. As diferenças

38

¹ Discente, Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia, UFMG.

² Departamento de Antropologia e Arqueologia, UFMG.

nos padrões de integridade do material, nesse sentido, demonstram que o registro arqueológico foi diferentemente impactado pelos processos de formação cultural.

Palavras-chave: Arqueologia da escravidão; cultura material; processos de formação do registro arqueológico.

ABSTRACT

This article approaches the cultural formation processes that acted upon the archaeological record in the area of a slave quarter from the Colégio dos Jesuítas, a sugar plantation located in Campos dos Goytacazes (RJ). This space has been recently impacted by plowing for agricultural purposes. In this study, we evaluate the differential impact of plow over three material categories – bones, pottery and ceramics (refined earthenware and majólica). This evaluation considered three occupational levels and two distinct contexts, the first one characterized by primary discard and the second by secondary discard. In the first case, the material suffered a considerable impact still during the formation of the archaeological record, as the result of the constant use of the space for daily activities. The second context, in turn, consisted in a concavity used for refuse disposal. In this case the material presented a higher integrity level in the deeper levels, whereas in the upper levels the fragmentation patterns corresponded to those ones verified on the former context. The differences in the integrity patterns indicate that the archaeological record was differentially impacted by cultural formation processes.

39

Keywords: Archaeology of slavery; material culture; formation processes.

Este artigo é resultado da análise do material arqueológico recuperado na primeira etapa do projeto *Café com Açúcar: Arqueologia da Escravidão em uma Perspectiva Comparativa no Sudeste Rural Escravista – Séculos XVIII e XIX*³, que ocorreu durante o mês de julho de 2012 no Colégio dos Jesuítas de Campos dos Goytacazes (RJ). As escavações abrangeram dois contextos distintos de deposição de refugio, ambos localizados na área de uma das extremidades da senzala. Essa área havia sido recentemente arada, o que gerou elevado grau de fragmentação do material arqueológico presente nos níveis superiores. A intervenção recente estimulou-nos a realizar um estudo visando determinar os efeitos do arado no material encontrado. Era uma hipótese plausível que teria sido diferentemente impactado de acordo com: i) o tipo de categoria material; ii) sua localização nos níveis estratigráficos; e iii) os diferentes contextos de deposição, um relacionado a atividades cotidianas e o outro à deposição de refugio.

40

Em raros casos, um sítio arqueológico mantém suas assinaturas comportamentais originais, pois está sujeito a diversas alterações subsequentes — incluindo fatores de perturbação causados por agentes humanos, biológicos, ambientais, geológicos —, que podem modificar a integridade do registro. No caso deste trabalho, pretendemos discutir os processos de formação do registro arqueológico nos dois contextos escavados. Consideramos que as distintas configurações evidenciadas foram resultantes tanto das atividades realizadas no contexto sistêmico (sobretudo de descarte), quanto nas que ocorreram no contexto arqueológico, em que se incluem interferências antrópicas mais recentes, como, no caso, o uso de maquinários agrícolas. Apesar de os processos de formação atuarem de maneira particular em cada sítio arqueológico, tal tipo de estudo

³ Projeto financiado pelo Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Capes). Edital Universal 14/2011.

permite formular modelos para a interpretação dos contextos deposicionais com os quais nos deparamos, na medida em que torna possível verificar de maneira bastante precisa as consequências de distintas ações sobre o registro arqueológico.

Contexto Histórico

A região de Campos dos Goitacazes, no norte fluminense, teve o início da sua colonização nas primeiras décadas do século XVII. Até então, era ocupada por populações falantes da família linguística Purí, que compreendia os povos Purí, Coroadó, Koropó e, possivelmente, os Goitacá e Guarú (SILVA NETO, 2007:14). A fama de serem "ferozes e bravios" dificultava, porém, a interiorização dos colonos e o estabelecimento de propriedades, de modo que o insucesso das negociações com os indígenas locais e o mérito destes em impedir a conquista de suas terras fez com que os primeiros núcleos colonizadores da região fossem por diversas ocasiões abandonados.

41

O problema indígena tentou ser controlado com o estabelecimento das ordens religiosas dos jesuítas e beneditinos, pois, ao mesmo tempo em que poderiam promover a pacificação, com o controle dos conflitos e a catequização, auxiliariam no povoamento do território campista. As negociações de terras entre os jesuítas e o governador do Rio de Janeiro, Salvador de Sá, eram realizadas desde 1617, quando receberam o lote onde fundaram a Aldeia de São Pedro (RJ). Em 1630, os jesuítas reivindicaram ao governador terras adicionais entre os rios Macaé e Paraíba, argumentando que seus cuidados em favor dos índios Goytacá foram cruciais na defesa do distrito contra a invasão dos holandeses. No vasto domínio que embolsaram, organizaram três grandes

propriedades de gado e açúcar: a Fazenda dos Campos dos Goytacazes (Fazenda do Colégio), a Fazenda de Campos Novos e a Fazenda de Macaé (ALDEN, 1996:379-380).

Na Fazenda do Colégio, onde foram realizadas as escavações que deram origem a este trabalho, foi construído, em meados do século XVII, o Solar, que seguiu a planta básica adotada nos demais Colégios Jesuítas: quatro alas, das quais uma era ocupada pela igreja, e um pátio interno. A propriedade estendia-se desde a costa, “das distantes praias do Furado e São Tomé”, alcançava a Lagoa de Cima, indo em direção ao sul, abarcando toda a região da Lagoa Feia; “na direção da margem do Paraíba, agregava inúmeras propriedades, para citar, entre elas: *Mirandela, São José, Tocaia, Limão, Braga, Partido e Airizes*” (MARCH, 1988:51).

As terras da Fazenda foram destinadas, num primeiro momento, à criação de gado. Em razão da proximidade com o mercado consumidor dos engenhos do Recôncavo da Guanabara e da própria geomorfologia (os campos, afinal, eram verdadeiros pastos naturais), a pecuária tornou-se a principal atividade econômica da região. A partir de meados do século XVIII, no entanto, a criação de gado foi rapidamente substituída pela cultura da cana-de-açúcar. Além da transferência da capital da colônia para o Rio de Janeiro (1763) e da descoberta de ouro em Minas Gerais, houve a queda de produtividade açucareira no recôncavo da Guanabara, o que fez por inaugurar novos mercados consumidores (Minas e Rio) para o açúcar produzido em Campos (FARIA, 1998:33).

Nas últimas décadas da administração jesuíta da Fazenda do Colégio, até a expulsão da Companhia pelo Marques de Pombal em 1759, a fazenda tornou-se a maior produtora entre todos os Colégios produtores de cana. Durante as décadas de 1740 e 1750, sua

produção cresceu dos modestos 6.000 kg para acima de 107.000 kg (ALDEN, 1996:424). Só em 1757, a Fazenda do Colégio produziu 56.332 kg de cana de um total de 320.783 kg entre os principais Colégios Jesuítas do Brasil (cerca de 18%), mais do que qualquer outro Colégio no RJ, ES e Nordeste (ALDEN, 1996:426).

Com a expulsão dos jesuítas, a propriedade passou para o controle da Coroa portuguesa. Em 1781, o comerciante português Joaquim Vicente dos Reis (1747–1813), em sociedade com seu tio João Francisco Vianna e o comerciante baiano Manoel José de Carvalho, arrematou a propriedade pelo valor de 187 contos. O trio recebeu a fazenda com “... todos os seus pertences, casa, Igreja, engenho, seus acessórios, escravos, terras, e todas mais coisas e posses com que a possuíram os denominados jesuítas” (GUGLIELMO, 2011:27). Naquela época, a fazenda, que também era conhecida como *Fazenda de Nossa Senhora da Conceição e Santo Inácio* era a maior propriedade existente em Campos, mantendo quase 1500 cativos. Em 1796, contudo, morreram os dois sócios de Joaquim Vicente e este, após repor o valor aos herdeiros dos mesmos, reteve a propriedade da fazenda, tornando-se assim o “mais rico e poderoso vassalo de Portugal no Brasil” (idem:3).

Com a morte de Joaquim Vicente, em 1813, seu vasto patrimônio, superior a 969 contos, foi herdado por suas três filhas, Maria Joaquina do Nascimento, Ana Bernardina do Nascimento Reis e Joana Bernardina do Nascimento Reis. O maior beneficiário desse patrimônio, contudo, foi seu genro Sebastião Gomes Barroso (1764–1843), membro de tradicional família de comerciantes do Rio de Janeiro e casado com Joana Bernardina, que deteve a propriedade da fazenda até sua morte, em 1843 (idem:77–79).

Naquele momento, a economia açucareira campista encontrava-se em plena ebulição e crescimento, o que, inevitavelmente, surtia efeitos sobre costumes e práticas da sociedade do norte-fluminense. Para se ter uma ideia da surpreendente evolução do crescimento dos engenhos em Campos, Auguste de Saint-Hilaire relata que “em 1769, não havia em Campos mais de 56 usinas de açúcar; em 1778 esse número subiu a 168; de 1779 a 1801, aumentou para 200; 15 anos mais tarde, ele cresceu para 360 e, enfim, em 1820, havia no distrito 400 engenhos e cerca de 12 destilarias” (SAINT-HILAIRE, 1941:199, *apud* OSCAR, 1985:48).

A consequência direta do aumento da produção de açúcar foi, ao mesmo tempo, o aumento populacional decorrente da demanda de mão de obra africana para trabalhar nas lavouras. Já no final do século XVIII, a população total da Capitania do Rio de Janeiro era de 179.595 pessoas, das quais 52,5% eram livres e 47,5% escravas. No mesmo período, Campos mantinha um dos maiores contingentes de escravos da Capitania, perdendo somente para as regiões do recôncavo da Guanabara, mais próximas à Corte (FARIA, 1988). Entre o último quartel do século XVIII e a primeira metade do XIX, a população escravizada em Campos manteve-se em uma média de quase 60%. Em números absolutos, essa população mais que triplicou entre 1785 e 1850. Dos passaportes para escravos — especialmente os *escravos novos*, quais sejam, os africanos recém-desembarcados — enviados da Corte para o interior do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, na primeira metade do século XIX, a região de Campos recebeu de 39,2%, alcançando 52,7% no período de 1824 a 1830 (SOARES, 2009). Devemos tomar tais números como indicativos para pensar o impacto africano no local.

Em 1843, com a morte de Sebastião Barroso, seu filho, o tenente-coronel Francisco de Paula Gomes Barroso (1822–1892) herda a propriedade (LAMEGO, 1938:37). No

inventário Sebastião, do mesmo ano, são listados 1100 cativos.⁴ Em meados do século XIX, paralelo ao processo de emancipação dos escravos, expandia-se a crise de superprodução do mercado açucareiro e seus negativos efeitos sobre os produtores da baixada campista. Francisco de Paula Gomes Barroso faleceu quatro anos após a abolição da escravatura, deixando aos seus descendentes dívidas e desentendimentos causados pela crise na economia açucareira. Pelo fato de ter falecido depois de 1888, não dispomos de informações sobre a população escravizada durante o seu período. Nos anos seguintes à sua morte, a Fazenda sofreu um processo de degradação financeira e de fragmentação inevitável.

Após a tentativa mal sucedida de reerguer a economia da Fazenda, os bens foram hipotecados e, em seguida, leiloados. O arrematador, Victor Sence — amigo de Francisco Barroso —, ficou com algumas das terras da usina e o moderno engenho, enquanto o restante dos bens distribuiu entre os herdeiros de seu falecido amigo. Assim, o Solar chegou novamente às mãos da família Barroso, mais especificamente de João Baptista de Paula Barroso (1852–1932). A propriedade foi herdada por seu filho, João Baptista Vianna Barroso (1890–1980), que habitou o Solar até sua morte (FERREIRA, s.d.). Após seu falecimento, a comunidade afrodescendente, que se manteve agregada à propriedade, ocupando a mesma quadra que originalmente conformava a senzala, passou por um processo de desagregação.

O Solar foi tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1946 e, junto com a área desmembrada da Fazenda, desapropriado pelo Governo do Estado em 1977. Preocupados com a preservação e segurança da sede, os herdeiros de Baptista Barroso mantiveram a fazenda sob seus cuidados até 1984, quando finalmente o processo de

⁴ Inventário de Sebastião Gomes Barroso. Ano: 1843. Arquivo Público de Campos dos Goytacazes.

posse pelo Estado foi completado juridicamente. A partir de então, o edifício foi completamente abandonado, embora tenha sido desapropriado para a “criação de um centro regional de núcleo comunitário de educação, cultura e trabalho do município de Campos” (MARCH, 1988:116) e não terem faltado esforços, por parte dos herdeiros, para que tal promessa fosse cumprida. Em 1991, passou por processo de restauração para que fosse implantada a Escola de Cinema da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), sofrendo posteriormente novo abandono. Abriga, desde 2001, o Arquivo Público Municipal de Campos.

O Sítio Arqueológico Colégio dos Jesuítas

Muitos estudos em Arqueologia da Escravidão e, particularmente, em escavações de senzalas ficaram presos à análise dos espaços arquitetônicos e estruturas, no esforço de tentar reconstruir as habitações e, a partir delas, os estilos de vida dos grupos escravos. Em casos em que não há edificações (a grande maioria, já que geralmente eram construídas com materiais perecíveis), como a senzala da Fazenda dos Jesuítas, outras análises podem ser aplicadas para se compreender as formas de apropriação do sítio por populações passadas. Investigações que se voltam aos modos pelos quais indivíduos apropriaram-se do espaço externo, utilizaram e agiram nas áreas adjacentes a suas habitações têm a mesma capacidade de instruir pesquisadores sobre a vida de seus habitantes que os próprios edifícios em si. Afinal, um pátio ou quintal, como “uma área de terra, geralmente delimitada, que circunda uma estrutura de habitação” pode ser “considerada uma extensão da mesma” (HEATH; BENNETT, 2000:38), na medida em que tarefas cotidianas, como produção e preparo de alimentos, criação de animais, armazenamento e recreação são ali desenvolvidas.

As áreas externas tornam-se objeto ainda mais interessante se levarmos em consideração que, como argumentou Robert Slenes em relação às moradias escravas no sudeste do século XIX, afora os elementos formais da construção, o sentido básico da moradia escrava, “a definição de como se usavam espaços internos e externos”, teria permanecido o mesmo na passagem da África para o Brasil: a senzala não era o local de moradia num sentido burguês, mas apenas o local do sono ou abrigo contra as variações do tempo. O habitar, nesse sentido, se desenvolveria antes no entorno da cabana que no seu interior (SLENES, 1999:149).

As escavações arqueológicas na senzala do Colégio dos Jesuítas, dessa forma, buscaram privilegiar a análise do pátio e de seu entorno. A área escavada refere-se a uma das extremidades (norte) da senzala que apresentava a forma de “U” e, com a fachada do edifício, compunha um pátio com cerca de 200 x 250 m (Imagem 1). As descrições coincidiram com a paisagem atual verificada na área em frente ao Solar, onde foi possível verificar reminiscências de habitações da antiga comunidade local, maioria descendente de escravos, que continuou a ocupar a área após a abolição.



Imagem 1 – Foto aérea do Solar e locais de escavação (Trincheira 8.1 e 8.3). O tracejado indica a localização da senzala em “U”. Fonte: Arquivo Público de Campos (1980). Adaptado.

Numa visita prévia ao trabalho de campo, realizada em abril de 2012, foi possível identificar áreas de concentração de material arqueológico, que haviam sido expostas devido à recente ação do arado sobre o terreno, sendo possível determinar, a partir dessas áreas, onde seriam os futuros locais de escavação. Ao mesmo tempo em que o afloramento do registro arqueológico na superfície possibilitou identificar onde se encontravam as áreas de maior concentração material, confirmou, porém, que o contexto de deposição original havia sido alterado.

Ao ter em vista os locais de concentração de material, inicialmente, foram abertas duas trincheiras (distantes 14 m) em níveis arbitrários de 10 cm, visando um entendimento geral do conteúdo, distribuição espacial e integridade do registro arqueológico. À

medida que as primeiras quadrículas foram rebaixadas, verificou-se que o impacto do arado sobre o registro teve maior intensidade até uma profundidade de 20 a 25 cm, uma vez que os materiais encontravam-se num estado de grande fragmentação e dispersão. Abaixo dessa marca, o registro apresentou maior grau de integridade. Ambas as trincheiras foram rebaixadas até o nível estéril, variando entre 40 a 50 cm de profundidade.

Duas situações distintas foram evidenciadas a partir da abertura das trincheiras (Imagem 2). Na primeira (trincheira 8.1), verificou-se, por um lado, grande densidade de ossos e fragmentos de louças e cerâmicas, especialmente nos níveis mais íntegros e, por outro, grande quantidade de material construtivo, sobretudo telhas e tijolos. Tais evidências sugerem que a edificação da senzala pudesse estar próxima desse local, embora não tenham sido ali encontrados vestígios dos alicerces. Seguindo as quadrículas de maior concentração de artefatos, foi decidido ampliar a escavação para oeste, em uma área de 15 m². Esse local, como se verá adiante, esteve relacionado às atividades cotidianas dos moradores da senzala, os quais, no espaço adjacente dos fundos da morada, preparavam, consumiam e descartavam restos de alimentos e utensílios.

Diferente da primeira situação, que apresentou grande concentração de material construtivo, na segunda (trincheira 8.3), a ocorrência foi escassa, o que nos levou a pensar que se tratava de um espaço fora ou relativamente longe do local das edificações da senzala. A partir dos 30 cm de profundidade, no entanto, observou-se uma grande quantidade de telhas emaranhadas com artefatos diversos e grande quantidade de material ósseo. Essa feição ocupou uma área de aproximadamente 15 m². Na camada logo abaixo da concentração de material construtivo, foi verificada a presença de

artefatos em maior grau de integridade. Essa composição de telhas, ossos e artefatos estendeu-se até a profundidade média de 50 cm, chegando no nível estéril.

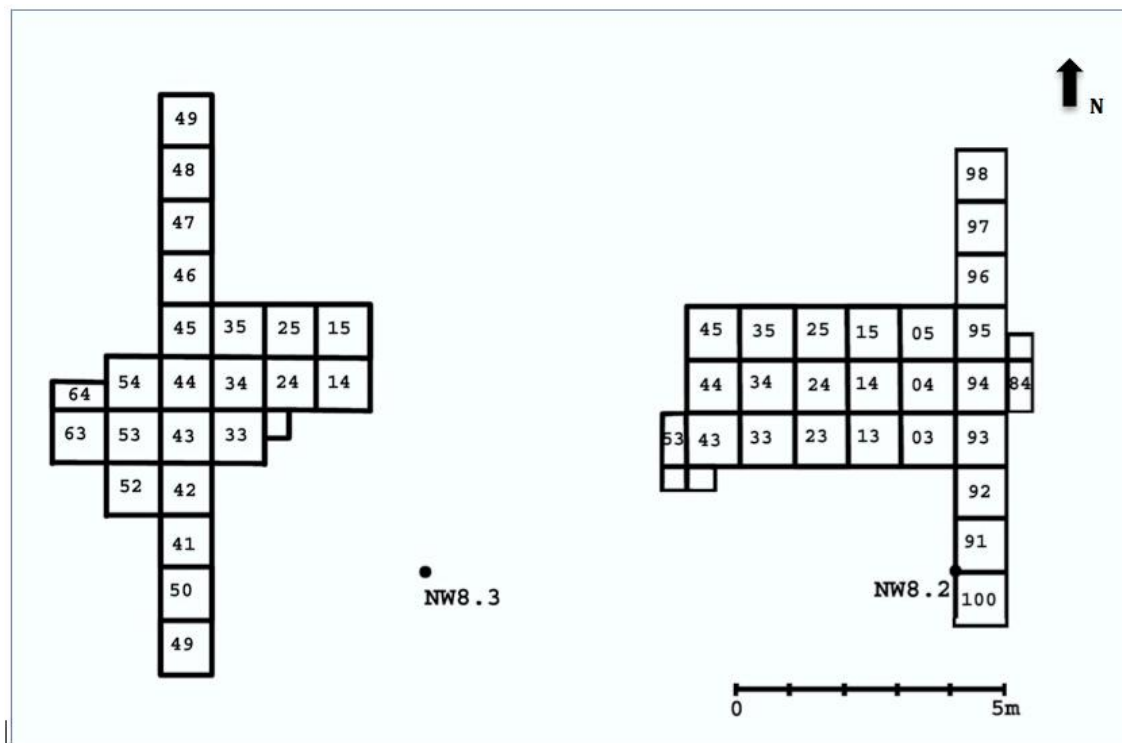


Imagem 2 – Áreas de escavação da senzala: trincheiras 8.1 e 8.3.

Os Processos de Formação do Registro Arqueológico

A preocupação com o estudo dos processos de formação do registro arqueológico remontam à década de 1970, período no qual arqueólogos comportamentais e processualistas buscaram entender a dinâmica dos fatores culturais e naturais sobre a formação desse registro (SCHIFFER, 1972; BINFORD, 1981). Tais processos

envolvem desde as atividades nas quais os elementos materiais que o conformam estiveram envolvidos até as formas que foram descartados, dando-se atenção ainda ao dinamismo dos fatores culturais e naturais pós-deposicionais, que podem afetar o padrão original de deposição, integridade e dispersão desses vestígios.

Nesse sentido, para a compreensão dos processos de formação cultural do registro arqueológico, deve-se atentar em que medida uma configuração material específica corresponde, por um lado, a atividades realizadas no contexto sistêmico, sobretudo de descarte e, por outro, a interferências antrópicas recentes, como o uso de maquinários agrícolas. Essas duas abordagens foram utilizadas para a análise do sítio Colégio dos Jesuítas.

Para o primeiro ponto, foram consideradas as três categorias de refugo propostas por Michael Schiffer (1972). Segundo este autor, os artefatos passam por um ciclo de vida representado pelas seguintes fases: aquisição da matéria-prima, manufatura, utilização e descarte, havendo ainda, antes ou após essa última fase, a possibilidade de reciclagem. Somente após o descarte, é que o artefato deixa de pertencer ao contexto sistêmico, referente ao seu funcionamento numa dada sociedade, e passa para o contexto arqueológico. Schiffer considera ainda que não há necessariamente uma associação entre o local de uso de um artefato e seu local de descarte, de modo que a deposição do material arqueológico pode estar relacionada a três categorias de refugo: *de fato*, quando o material entra no contexto arqueológico sem ter passado por atividades de descarte; *primário*, quando o material é descartado no mesmo contexto de sua utilização; e *secundário*, quando é transportado para ser descartado em um contexto diferente daquele de seu uso. Como a maior parte dos contextos materiais encontrados em sítios históricos corresponde a refugos dessa última categoria, Stanley South (1977) elaborou

duas modalidades de refugo secundário: *periférico*, quando a área de descarte do material é afastada de uma edificação e *adjacente*, quando o material é descartado em áreas bastante próximas à edificação.

No caso do Colégio dos Jesuítas, dois contextos bem delimitados foram identificados a partir dessa metodologia: a área 8.1, com conteúdo identificado como refugo primário, correspondente ao local onde a população escravizada exercia suas atividades diárias; e a área 8.3, utilizada por esse grupo para a deposição de refugo secundário. Esses dois contextos, ainda que relativamente próximos entre si, foram identificados a partir de padrões distribucionais distintos e da lógica de deposição de refugo particular em cada caso (Imagem 3).



Imagem 3 – À esquerda, área 8.1, de deposição de refugo primário (em que se nota restos de mariscos ao redor de uma estrutura de fogueira); e, à direita, área 8.3, de refugo secundário.

Para o segundo ponto, importantes são os estudos sobre os efeitos do arado em áreas de interesse arqueológico, que vêm sendo realizados por meio de experiências replicativas e de estudos de caso desde meados da década de 1970 nos Estados Unidos, sendo ainda pouco trabalhados no Brasil. Astolfo Araújo (2002:9) notou que sítios cujos terrenos são encontrados completamente limpos, por um lado, têm a vantagem da visibilidade, já que a distribuição espacial do material e a localização de possíveis estruturas e feições podem ser verificadas; por outro, geralmente sofreram com os impactos de implementos agrícolas (arado, grade, subsolador), que causam, muitas vezes, a fragmentação e a perda de informações sobre o contexto, a cronologia e as relações espaciais das peças. Entre uma consequência e outra, muitos consideram que os malefícios de se encontrar um sítio perturbado superam o benefício da melhor visibilidade e, nesse sentido, sítios como esses são considerados de menor interesse frente aos sítios intactos.

53

Para o autor, no entanto, não só a noção de sítio intacto é uma abstração; se levarmos em conta os diversos fatores e agentes que atuam nos processos de formação de sítios arqueológicos, como também, dada a ação intensa e volumosa dos grupos humanos sobre a natureza em ambientes dos mais diversos e hostis, a grande maioria dos sítios arqueológicos poderia ser considerada perturbada ou destruída. Deve-se considerar, ainda, que qualquer forma de intervenção no terreno consiste em um dano irreversível ao sítio, incluindo a própria escavação arqueológica, a qual altera a distribuição espacial existente e deixa para a posteridade somente as descrições de quem as realizou.

Certamente, a perda da informação estratigráfica e de dados de proveniência dificulta a interpretação cronológica e sequencial de um sítio. Porém, pensar que a ação humana pode ter efeitos mais destrutivos sobre o material arqueológico do que a natural e, nesse sentido, considerar que a pesquisa arqueológica nesses contextos seria inválida,

desinteressante e insatisfatória é desconsiderar, por exemplo, que “os fatores induzidos por ação humana recente são mais fáceis de monitorar e compreender” (ARAÚJO, 2002:9). Muitos dos mecanismos e maquinários utilizados no passado recente ainda estão em operação, o que nos permite, de maneira privilegiada, monitorar resultados e testar a veracidade de ideias que perpassam pelo senso comum. Raramente, em outros processos de formação do registro arqueológico (naturais ou antrópicos), pode-se ter visão tão esclarecedora.

Com o objetivo de repensar a noção de destruição nos sítios arqueológicos, Araújo (2002) testou padrões de dispersão do material arqueológico em áreas impactadas pelo uso do arado e verificou que as peças apresentaram um arranjo distribucional não aleatório. Como o princípio de funcionamento do arado consiste basicamente em revolver a terra e não em transportá-la, a movimentação dos artefatos (no sentido vertical e horizontal) foi pouco expressiva. Nesse sentido, por mais que o material fosse revolvido juntamente com a terra, sua movimentação ficou restrita a uma área determinada, mantendo a coesão e, em partes, a configuração do sítio, sendo possível identificar áreas onde práticas específicas eram realizadas.

Dennis Lewarch e Michael O’Brien (1981), em análise semelhante, verificaram que a movimentação horizontal (longitudinal) pode arrastar um artefato por até 3m, enquanto a vertical (transversal), por 40 cm. Ainda que o movimento seja limitado, pode, evidentemente, destruir as relações entre artefatos, bem como pequenas feições. No entanto, feições grandes, como deposições de lixo ou concentração de materiais construtivos, retêm na zona do arado coesão significativa.

Esses estudos demonstram que as técnicas agrícolas mecanizadas são responsáveis por algum índice de destruição, mas mesmo os sítios sobre os quais foram utilizados grades e arados não podem ser considerados destruídos, na medida em que ainda guardam potencial informativo. Nesse sentido, apesar de se perder o ponto de proveniência de um artefato, o padrão global do sítio continua preservado, ou, como definiu Timothy Riordan (1988:4), “o registro não é destruído, mas levemente fora de foco”.

Padrões de datação e dinâmica deposicional

No sítio Colégio dos Jesuítas, para avaliar o impacto do arado sobre o nível de integridade do material arqueológico, foram contrastadas informações sobre quantidade, peso e tamanho de três categorias materiais (ossos, cerâmicas e louças) em cada área da escavação (área 8.1 e 8.3), quadrícula e nível de profundidade escavado: nível 1, afetado pelo arado (0 a 20 cm), nível 2, intermediário (20 a 30 cm) e nível 3 (30 a 50 cm), mais intacto. A partir da análise comparativa dessas variáveis, os objetivos foram, por uma parte, delinear as alterações do material arqueológico decorrentes de fatores culturais (como a ação do arado e outras atividades antrópicas) nas diferentes áreas e níveis escavados e, por outra, verificar como cada categoria material separadamente respondeu a esse impacto, sugerindo graus de resistência diferenciados.

Para tanto, foi necessário, em primeiro lugar, estabelecer a cronologia das duas áreas de deposição (área 8.1 e área 8.3), com a meta de verificar a possível contemporaneidade entre ambas. Outro objetivo foi avaliar as sequências deposicionais do material em cada um dos depósitos, visando verificar se os objetos mais antigos estavam relacionados aos níveis inferiores e os mais recentes aos níveis superiores e, portanto, avaliar o grau de

interferência dos maquinários agrícolas sobre essas sequências. Foi aplicada, nesse sentido, a Fórmula para a Datação Média de Louças, proposta por Stanley South (1972), às amostras de cada nível e área de deposição. A fim de evitar distorções, adotou-se a proposta de Lima *et al.* (1989) de se substituir o total de fragmentos pelo número mínimo de peças.

De modo geral, as louças da área 8.1 apontaram para uma ocupação concentrada na primeira metade do século XIX, com intervalo máximo entre 1760 e 1860, mais provável entre 1790 e 1850. Em uma amostra de 97 peças passíveis de datação, houve um número reduzido de tipos, representados por somente cinco peças, cuja produção iniciou-se a partir de 1840. Destas, quatro fogem da sequência gradual de datação dos demais tipos, sendo referentes ao final do século XIX e início do XX. Dizem respeito, assim, a um descarte eventual posterior ao período de ocupação daquele espaço. Uma situação análoga de deposição tardia foi verificada na área 8.3, nesse caso, representada por somente dois tipos com produção inicial referente à segunda metade do século XIX.

56

Os resultados das datações, por níveis, das duas áreas analisadas podem ser visualizados na Imagem 4. A partir do seu exame, pode-se observar que as datações apresentaram notável consistência cronológica em ambas as áreas. É importante destacar que os níveis 1 e 2 foram os mais diretamente impactados pelo arado. Esperava-se, assim, que as datações médias para esses níveis não apresentassem tal consistência, devido à possibilidade do revolvimento do solo ter elevado materiais do nível 20-30 e rebaixado materiais do nível 0-20. Embora tal situação possa muito provavelmente ter ocorrido, as datações obtidas indicaram que seu impacto sobre os padrões de sobreposição do material arqueológico foram menos intensos do que o esperado, não chegando a afetar

totalmente a diacronia da deposição nos níveis mais intensamente expostos à ação dos maquinários.

	<i>Área 8.1</i>	<i>Área 8.3</i>
Nível 1	1826.8	1832.8
Nível 2	1824.6	1821.5
Nível 3	1816.9	1800.6

Imagem 4 – Datações médias por nível.

As datações obtidas da área 8.1 sugerem que houve uma continuidade nas práticas de deposição de refugo desde o início da ocupação da área, no princípio do século XIX. Já na área 8.3, verificou-se um hiato entre o nível 3 e os dois níveis superiores, indicando uma intensa deposição no final do século XVIII e início do XIX, seguido de um período de pouca atividade deposicional. Cabe destacar que justamente o nível inferior esteve relacionado à concavidade aberta para deposição de lixo (feição) e coberta por fragmentos de telhas. Outro aspecto importante com relação às datações diz respeito à proximidade cronológica entre os níveis 1 e 2 de ambas as áreas, sugerindo uma contemporaneidade de deposição provavelmente a partir da segunda década do século XIX.

Os padrões de datação apontam, portanto, para uma dinâmica deposicional que se iniciou, em ambas as áreas, no período entre o final do século XVIII e o princípio do século XIX. Nesse sentido, a concavidade evidenciada na área 8.3 foi utilizada como local de descarte do refugo produzido em uma ou mais unidades domésticas ocupadas

pelos cativos, então sob o domínio de Joaquim Vicente dos Reis. Com o preenchimento dessa concavidade, provavelmente durante a segunda década do século XIX, esse espaço passou a ser menos utilizado para esse fim. Após um intervalo de 10 a 20 anos, provavelmente a partir da terceira década do século XIX (nos anos de 1820), já no período do proprietário Sebastião Gomes Barroso, novamente teve início uma atividade deposicional intensa nesse espaço, que se manteve constante até meados do século XIX. Para tal período, há claras evidências, como será melhor detalhado na sequência, de que parte do material arqueológico foi depositado na mesma área de uso, configurando um padrão deposicional de refugio primário. A partir de então, esse espaço foi abandonado, sendo utilizado somente para o descarte eventual.

Análise dos padrões de fragmentação, peso e integridade

58

Na área 8.1, foram contabilizados 13.716 fragmentos de cinco categorias materiais: ossos, cerâmica, louças, vidro e metais. Destas, as mais representativas da amostra foram os ossos (54%), as cerâmicas (20%) e as louças (18%). Considerar, no entanto, apenas a quantidade de fragmentos pode ocultar importantes informações sobre o tamanho, peso, integridade, durabilidade e resistência de cada categoria material. Nesse sentido, quando se considera o peso dessas categorias, embora os padrões de popularidade tendam a refletir o número de fragmentos, as proporções modificam-se consideravelmente: a representatividade dos ossos decai para 44%, a da cerâmica aumenta para 35%, ocorrendo também um decréscimo nas proporções das louças dos vidros e um aumento na proporção dos metais.

A área 8.3, por sua vez, apresentou um total de 6.927 fragmentos, cujas categorias materiais tenderam a manter padrões de popularidade análogos aos da área anterior. A mesma situação ocorreu com relação ao peso, destacando-se o fato de as cerâmicas terem um aumento bastante considerável de popularidade. De qualquer forma, a repetição nos padrões de popularidade do número de fragmentos *versus* peso nas duas áreas indica forte regularidade do impacto do arado sobre essas categorias materiais. A Imagem 5 apresenta comparativamente as proporções de número de fragmentos e peso de cada categoria material analisada nas duas áreas de escavação.

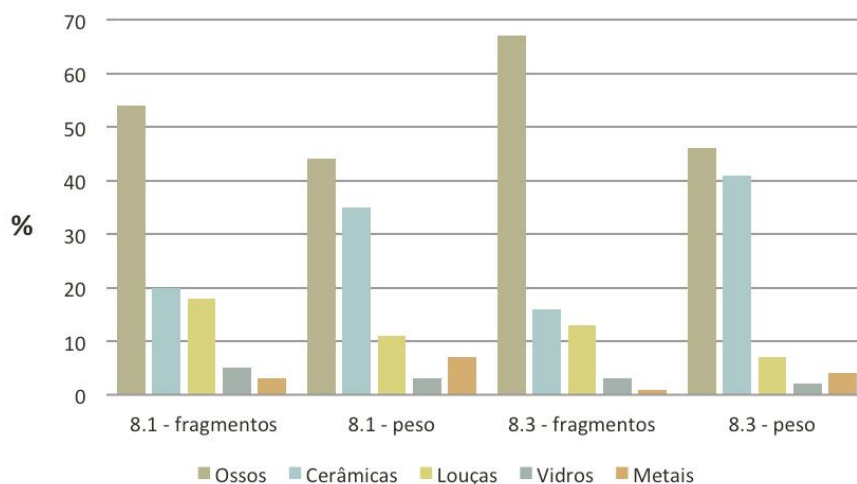


Imagem 5 – Proporção de ossos, cerâmicas, louças, vidros e metais por número de fragmentos e peso nas áreas 8.1 e 8.3.

Ao contrastar dados de quantidade e peso em cada nível, seria natural supor que a camada que apresentasse maior número de fragmentos estaria diretamente relacionada à mais pesada, e o mesmo raciocínio se aplicaria para a de menor quantidade e peso. Nessa lógica, portanto, a primeira camada da área 8.1, em que foram encontrados mais da metade dos materiais, corresponderia à maior proporção de peso; e a terceira camada,

à menor. No entanto, o nível 3, em que foram encontrados menos fragmentos, foi o que apresentou a segunda maior pesagem, bastante próxima, inclusive, à do primeiro nível.

Já na área 8.3, há uma nítida inversão com relação aos valores da área 8.1, sendo que o terceiro nível foi o que apresentou maior quantidade de materiais (com mais da metade do total de fragmentos), bem como o maior peso, com o valor expressivo de 71% da pesagem total. Tais valores são consistentes com a maior integridade do material arqueológico, menos impactado, em razão de o nível em questão ser referente a uma estrutura de deposição de refugio secundário. Soma-se, ainda, o fato de ter sido encontrada uma camada de telhas e tijolos sobre o depósito (possivelmente utilizada para encobrir os restos de alimentos e outros resíduos), a qual pode ter funcionado como barreira ao impacto do arado, contribuindo para a maior integridade e tamanho do material. A Imagem 6 ilustra, em cada área deposicional, a relação entre número de fragmentos e peso por nível escavado (1, 2 e 3).

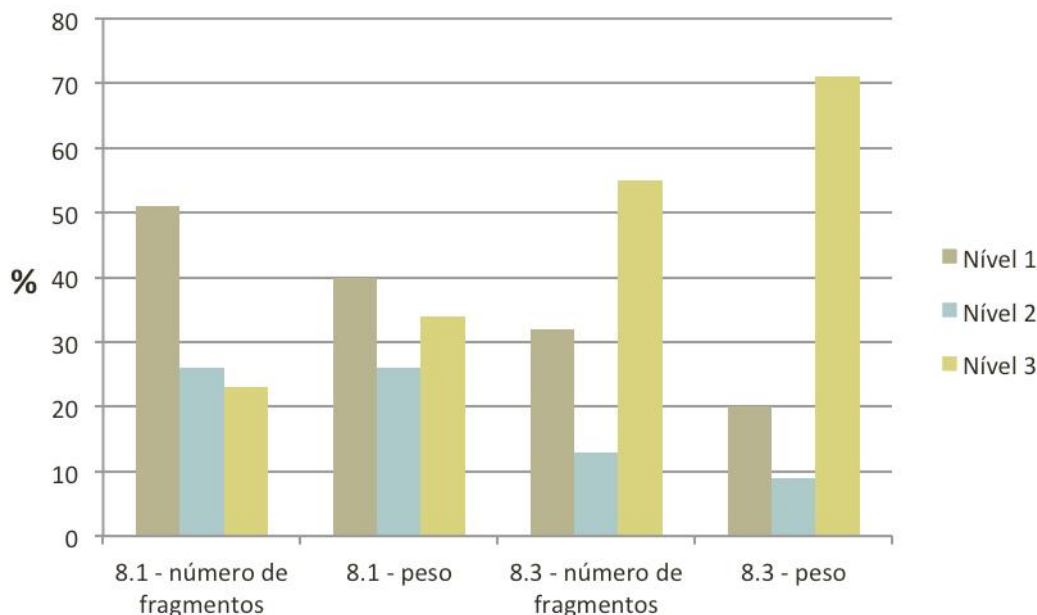


Imagem 6: Número de fragmentos em relação ao peso nos níveis 1, 2 e 3, áreas 8.1 e 8.3.

Área 8.1

Para o caso da área 8.1, 40% do peso da amostra correspondeu à metade dos fragmentos e cerca de $\frac{1}{3}$ desse peso foi relativo à camada de menor quantidade de peças. A partir desses dados, pode-se pensar em duas hipóteses: i) o material encontrado no nível mais baixo seria mais pesado devido à abundância ou escassez de categorias materiais específicas, cujas composições físico-químicas são diferenciadas; ii) os fragmentos do nível mais superficial eram menores do que os correspondentes do nível mais profundo, de modo que a variável quantidade não teria sido determinante sobre a variável peso. Para testar essas hipóteses, fez-se necessário verificar as variações nas dimensões dessas

categorias materiais em cada nível de escavação da área 8.1, a fim de saber se categorias materiais consideradas mais leves formaram a maioria das peças no primeiro nível, enquanto que as mais pesadas, no terceiro. Para conferir se a variável tamanho foi decisiva na distribuição do peso entre os níveis, foi analisado o grau de integridade das peças⁵, como ilustrado na Imagem 7.

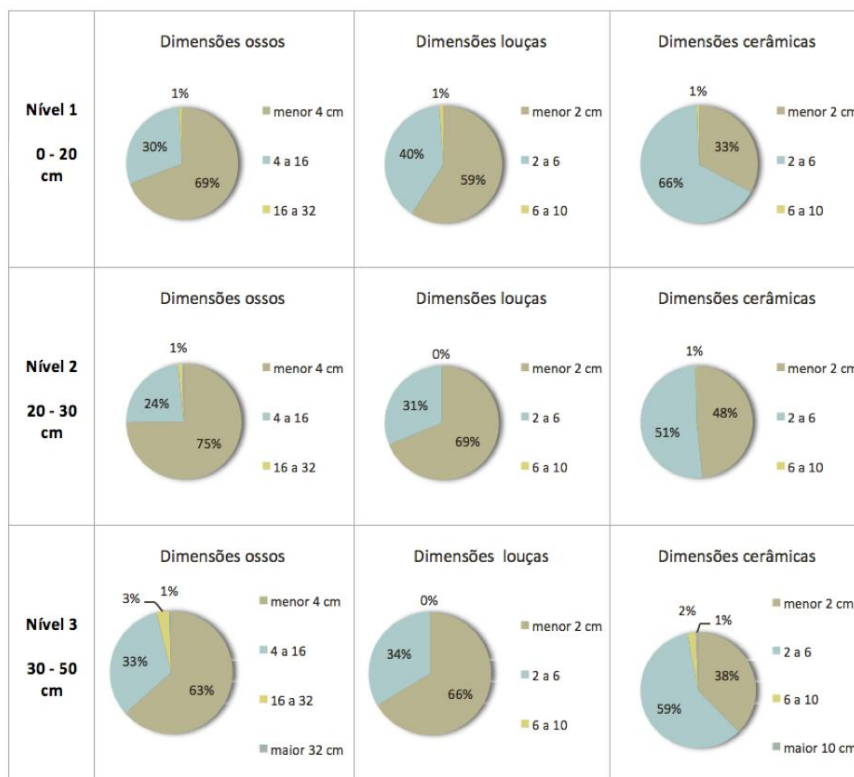


Imagem 7: Dimensões ossos, louças e cerâmicas nos níveis 1, 2 e 3 da área 8.1.

⁵ Os ossos foram categorizados, segundo o valor estimado da área que ocuparam numa tabela de medidas, em: menor que 4 cm²; 4 cm² a 16 cm²; 16 cm² a 32 cm²; e maior que 32 cm². Para as louças, vidros, metais e cerâmicas, foi utilizada a tabela de diâmetros, na qual a peça, dentro de um círculo, guardou a medida não da área que ocupa, mas do diâmetro do círculo em que se ajusta. Essa opção foi adotada para facilitar o cálculo da medida dessas peças, que, por possuírem formatos irregulares, adaptam-se melhor a formas arredondadas do que a retangulares ou quadradas. Para tanto, foram categorizadas em: menor que 2 cm; 2 cm a 6 cm; 6 cm a 10 cm; maior que 10 cm.

No nível 1, verificou-se que a porcentagem de fragmentos entre as três categorias foi bastante equilibrada, sendo 44% ossos, 30% louças e 26% cerâmica. Ossos e louças representaram a maioria dos materiais encontrados. No entanto, quando somadas às porcentagens relativas ao peso, ambas compuseram juntas pouco mais de 50% do total, enquanto que a cerâmica sozinha correspondeu a 46%. Nesse sentido, ainda que ossos e louças correspondessem a quase $\frac{3}{4}$ de todas as peças do nível 1, o que de fato incidiu sobre o peso nessa camada foi a categoria cerâmica.

Supõe-se, a partir desses dados, que tanto os ossos quanto as louças poderiam apresentar um grau de fragmentação bastante elevado. Em relação às louças, cerca de 60% das peças eram menores do que 2 cm de diâmetro e apenas 1% delas (22 peças) chegaram ao tamanho de 6 a 10 cm. Ainda mais fragmentado do que as louças, 70% dos ossos apresentaram medida menor que 4 cm². Considerando que mais da metade dos fragmentos entre as três categorias materiais era composta por ossos, e destes, 70% eram de fragmentos muito pequenos, conclui-se que 30% de todos os materiais encontrados no nível 1 eram de ossos menores do que 4 cm², um valor bastante elevado. Diferente das louças e dos ossos, em que os menores tamanhos registrados foram os mais representativos, entre os fragmentos cerâmicos, 66% do total foram classificados na categoria de 2 a 6 cm de diâmetro. De maneira geral, o nível 1 apresentou uma média de tamanho bastante reduzida em todas as categorias materiais.

Embora se saiba que um fragmento cerâmico seja mais pesado do que um ósseo ou de louça que tenha o mesmo tamanho, dado sua composição química e técnica de manufatura, é interessante perceber a diferença expressiva das dimensões encontradas entre as três categorias, que expõe certa tendência de durabilidade e resistência

diferenciada. Essa tendência pode ser ainda mais evidenciada a partir da análise do material nos níveis seguintes.

A composição do nível 2 foi: 68% de ossos, 13% de louças e 19% de cerâmicas. Aqui se observam algumas mudanças. Não só a proporção de ossos em relação ao total aumentou (passando de 44%, no primeiro nível, para 68%, no segundo), como a de louças e cerâmicas diminuiu (louças de 30% para 13% e cerâmicas de 26% para 19%). Essa tendência foi mantida e ampliada no nível seguinte, que apresentou, respectivamente, 78%, 8% e 14% do total. Interessante nesse nível é que tanto o número de peças — somando-se as três categorias materiais —, quanto o peso representaram 26% do total em cada uma das variáveis, indicando que as mudanças na relação peso/número de fragmentos situam-se, antes, nos níveis primeiro e terceiro.

64

Com relação ao peso, os ossos representaram 57% do total, de forma que houve um pequeno decréscimo em relação ao nível 1. Apesar de pequena, a queda no peso desse nível pode ser explicada pelo maior número de fragmentos que foram classificados com a dimensão menor que 4 cm², como pode ser visto na Tabela 2 (nível 2). Enquanto no primeiro nível as menores medidas entre os ossos corresponderam a 69% do total de fragmentos, no segundo alcançou os 75%. Já a cerâmica, que representou 33% do peso total, manteve a proporção entre quantidade e peso em relação ao nível 1, ou seja, para essa categoria material, o número de fragmentos correspondeu proporcionalmente ao mesmo peso tanto no nível do arado como no nível intermediário. Nessa camada, as cerâmicas continuaram sendo a categoria material que apresentou fragmentos menos impactados, com pouco mais da metade incidindo sobre a dimensão 2 a 6 cm de diâmetro.

Entre os fragmentos de louça, porém, houve um aumento de 20% no peso em relação ao nível antecedente para uma mesma quantidade de peças, indicando a possibilidade de haver mais fragmentos com dimensões superiores às verificadas na camada superficial. No entanto, quando cruzados esses dados com as informações de medidas, verificou-se o contrário. Enquanto no primeiro nível, 40% das peças tinham tamanhos variando entre 2 a 6 cm de diâmetro, no segundo, apenas 31% apresentaram a mesma medida. Ainda na primeira camada, foram evidenciados fragmentos com medidas entre 6 a 10 cm de diâmetro, o que não veio a ocorrer no nível intermediário. Se o tamanho dos fragmentos não foi a variável que interferiu no acréscimo da proporção peso/tamanho no segundo nível de escavação, outros fatores parecem ter atuado nesse desacordo. Um deles pode estar relacionado com o tipo de louça predominante em cada nível.

Classificadas como faianças finas, faianças portuguesa e porcelanas (chinesa e europeia), cada tipo de louça apresentou uma pesagem média diferenciada. A faiança portuguesa pesou, em média, cerca de uma vez e meia mais que a faiança fina, de modo que, no segundo nível, em que houve um aumento de 65% no número de faianças portuguesa em relação ao nível anterior, houve também um acréscimo no peso das louças em geral. Como porcelanas foram encontradas em pouquíssima quantidade e em fragmentos muito pequenos, não apresentaram diferenças significativas na mudança do peso.

No segundo nível, portanto, não foi verificado aumento do tamanho dos fragmentos em nenhuma categoria material. Ao contrário, as dimensões parecem ter diminuído, demonstrando que, proporcionalmente, o nível intermediário foi tão ou mais afetado pelo arado do que o nível superior. É possível que o arado ou outros métodos agrícolas tenham elevado à superfície materiais que encontravam-se em níveis mais profundos,

mantendo sua integridade mesmo na camada superficial. Estudos sistemáticos que abordam o impacto do arado sobre a integridade física do material ainda são poucos em relação às análises de distribuição espacial e de arranjos distribucionais, e, nesse sentido, faltam bases comparativas para verificar possíveis padrões de quebra ou fragmentação.

O nível 3, a priori o que deveria conter materiais mais intactos e menos fragmentados, foi composto majoritariamente por ossos (78%), seguidos de cerâmicas (14%) e, em pouca quantidade, de louças (8%). Apesar do acréscimo de material ósseo verificado nessa camada, o peso manteve quase a mesma proporção dos dois primeiros níveis (aumentando cerca de 2% em relação ao nível 1). Esse dado indica que, no caso dos ossos, a maior profundidade não impactou o peso do material, podendo ter exercido influência, porém, em seu tamanho.

66

Como já visto, houve, no segundo nível, um acréscimo no número de fragmentos que foram classificados com as menores medidas. Passando para o terceiro, verificou-se o oposto. Não só a quantidade de fragmentos com medidas de 4 cm² diminuiu (de 69%, no primeiro nível, e 75%, no segundo, para 63%, no terceiro), como a de fragmentos com dimensões superiores a 16 cm² aumentou, passando de 1%, no primeiro nível, para 4% no último. Essas alterações de tamanho, contudo, não significaram um aumento no peso do terceiro nível, pois o acréscimo de peças maiores e mais pesadas compensou a diminuição de peças menores e mais leves. Nesse sentido, a importância de se levar em conta três dimensões de análise (quantidade, peso e tamanho) reside em revelar informações que dificilmente seriam expostas caso se considerasse somente a usual dimensão da quantidade de fragmentos.

O que pode explicar o descompasso entre número de fragmentos e peso no terceiro nível — já que neste foram encontrados menos materiais, que por sua vez obtiveram quase a mesma pesagem dos materiais do primeiro nível (mais numeroso) — foi o acréscimo de 42% sobre o peso dos fragmentos cerâmicos em relação ao primeiro nível de escavação. Ao se comparar, portanto, o peso das cerâmicas do primeiro nível com as do terceiro, observou-se que, para uma mesma quantidade de peças, o peso médio dos materiais no terceiro nível aumentou em quase 50%. A partir do gráfico de dimensões da categoria cerâmica para o nível em questão, ficou exposto o aumento de fragmentos com dimensões superiores a 6 cm de diâmetro, passando de 1% no nível 1, para cerca de 3% para o terceiro nível, o que certamente foi um fator importante para o aumento do peso.

A partir desses dados, pode-se extrair algumas conclusões sobre o impacto do arado aos aspectos de conteúdo do material. Nos três níveis de escavação, os materiais ósseos representaram a maioria dos fragmentos encontrados, aumentando gradativamente com a profundidade. De maneira antagônica, fragmentos de cerâmicas e, especialmente, de louças apresentaram menor representatividade à medida que os níveis foram rebaixados. Essa tendência pode estar relacionada com alguma prática de deposição de refugo baseada na escavação de pequenos buracos para o depósito de restos alimentares.

Cabe salientar, ainda, que o nível intermediário apresentou materiais mais fragmentados do que o nível superior, indicando que o arado ou outros métodos agrícolas reviraram mais intensamente a terra verticalmente até próximo dos 30 cm de profundidade, de forma que fragmentos mais íntegros presentes em níveis inferiores fossem elevados à superfície. No nível mais profundo, ocorreu nítido aumento de peças com medidas maiores, sobretudo para os ossos e as cerâmicas. Para as louças, no entanto, essa tendência foi diferenciada, na medida em que os fragmentos apresentaram

majoritariamente tamanhos reduzidos em todos os níveis, não sendo possível observar variações significativas.

Por outro lado, os fragmentos cerâmicos foram, nos três níveis, a categoria material que apresentou o maior grau de integridade, dado sua maior resistência física. Na terceira camada, inclusive, fragmentos com grandes proporções e com possibilidades de reconstituição foram evidenciados, demonstrando, mais uma vez, a pouca interferência do arado sobre os aspectos físicos dessa categoria material.

Área 8.3

Passando para a área 8.3, cabe destacar que, no momento da escavação, quando foram abertas as primeiras quadrículas e observada a volumosa quantidade de telhas emaranhadas com materiais ósseos e fragmentos de artefatos diversos, não se sabia ao certo o conteúdo e significado dessa composição. À medida que as quadrículas foram sendo abertas e rebaixadas, pode-se concluir, a partir do terceiro nível (30 cm de profundidade), que se tratava de um depósito de lixo dos ocupantes da senzala, possivelmente por eles cavado, cerca de 20 cm abaixo da superfície da época, na forma de uma concavidade irregular. Num primeiro olhar, a feição aparentava conter mais fragmentos do que na área 8.1. Porém, ao serem contabilizadas, verificou-se que muitos dos materiais observados na escavação eram, na verdade, telhas e tijolos que estavam misturados com os artefatos e ecofatos do local, provocando a ilusão de que haveria mais materiais neste do que no outro contexto.

Com relação à variabilidade material entre os níveis escavados nessa área, observou-se, da camada mais superficial para a mais profunda, uma tendência crescente de material ósseo, passando de 56% do total de fragmentos no primeiro nível, para 77% no último; e outra decrescente de fragmentos de louça, de 28% para apenas 6% no final do depósito. A proporção de categoria cerâmica manteve-se quase a mesma nos três níveis, variando em torno dos 15% do total de fragmentos. A baixa incidência de louças no nível mais profundo pode estar indicando uma menor disponibilidade de tais itens pelos ocupantes da senzala no momento inicial da deposição, entre o final do século XVIII e o início do XIX.

Quanto ao peso, houve uma mudança significativa entre os níveis, sobretudo entre as louças e cerâmicas. No nível mais superficial, o peso das louças correspondeu a quase 20% do total e o das cerâmicas a 30%. Já no terceiro, a proporção da pesagem de faianças fina e portuguesa não passou dos 5%, enquanto que a das cerâmicas atingiu 47% do total. Embora o maior peso das louças no primeiro nível esteja relacionado com a maior proporção de fragmentos verificada nessa camada, entre as cerâmicas, no entanto, a maior porcentagem de peso no terceiro nível não possui conexões com o acréscimo na proporção do número de fragmentos, pois como já mencionado, essa proporção se manteve constante nos três níveis escavados para essa categoria material. A Imagem 8 apresenta as dimensões das categorias ossos, louças e cerâmicas nos três níveis escavados da área em questão.

No nível 1, referente à camada superior à feição, ossos e louças apresentaram elevado índice de fragmentação. Mais de 60% de cada categoria material foi classificada com os menores tamanhos (menor que 2 para louças e menor que 4 cm² para ossos). A disposição dos tamanhos entre as três categorias materiais nessa primeira camada

apresentou resultados bastante similares aos verificados na mesma camada da área 8.1: cerca de 65% dos ossos e louças variando entre as menores dimensões, 35% entre os tamanhos intermediários e a quase inexistência de tamanhos maiores. Para as cerâmicas, os valores inversos: cerca de 35% entre os menores e 65% entre os intermediários. Essa configuração verificada entre os dois contextos parece expor um padrão específico de quebra no pátio da senzala do Colégio, pelo menos no que diz respeito aos níveis mais superficiais.

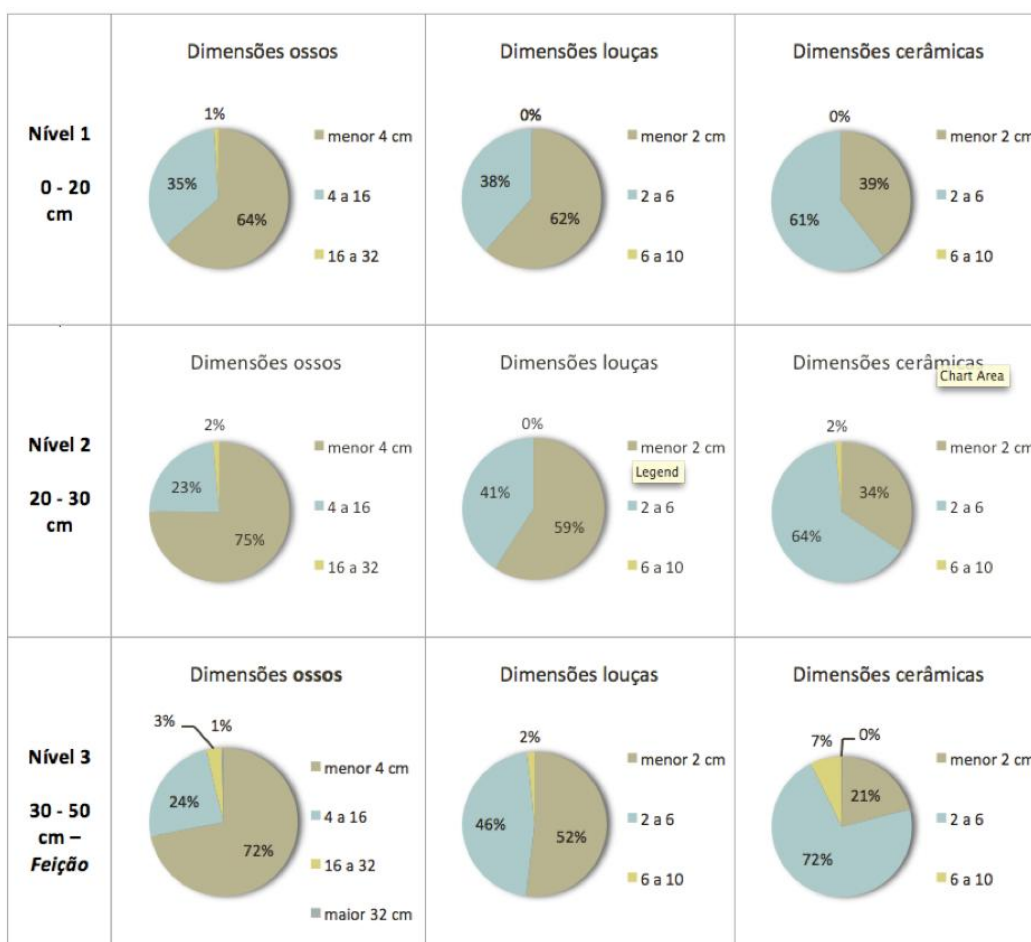


Imagem 8: Dimensões de ossos, louças e cerâmicas nos níveis 1, 2 e 3 da área 8.3.

Ao se comparar a fragmentação dos ossos no primeiro e no segundo níveis, verificou-se que houve um aumento na proporção de materiais cuja área foi menor que 4 cm² (passando de 64% para 75%), ou seja, os materiais ósseos, na segunda camada de escavação, encontravam-se mais fragmentados do que na primeira. Essa tendência também foi observada na área 8.1 com proporções bastante similares. Ainda que um pequeno aumento na representatividade de fragmentos considerados grandes tenha ocorrido, passando de 1% para 2% no segundo nível, esse incremento foi irrelevante, tendo-se em vista que foram contabilizados mais fragmentos no segundo do que no primeiro nível.

De forma diversa, louças e sobretudo cerâmicas aumentaram a proporção de fragmentos classificados entre os tamanhos intermediários em relação ao nível anterior. Somados com os de 6 a 10 cm de diâmetro, os fragmentos que apresentaram tamanhos entre 2 a 6 cm corresponderam a 66% da amostra para esse nível, indicando uma singularidade em relação à outra área estudada, na qual as dimensões das cerâmicas da segunda camada dividiram-se igualmente entre pequenas e intermediárias. Embora, em linhas gerais, as duas áreas tenham apresentado configurações bastante semelhantes, no que se refere aos efeitos dos processos de formação sobre o material arqueológico, verificou-se uma tendência diferenciada no segundo nível da área 8.3, sobretudo em relação à categoria cerâmica. Essa tendência será ainda mais visível no nível mais profundo.

Deve-se lembrar que o nível 2, que variou de 20 a 30 cm, não atingiu a área da estrutura de deposição de refugo secundário, o que só veio a ocorrer a partir dos 30 cm (terceiro nível). Essa informação é válida, pois a composição de telhas, ossos e fragmentos constituiu uma feição particular, que guardou em apenas alguns aspectos as

características vistas nos outros dois níveis e na área 8.1. Por tal motivo, a feição será estudada à parte das análises dos níveis precedentes, uma vez que a influência do arado nessa profundidade foi quase inexistente.

O terceiro nível correspondeu, portanto, ao conteúdo da feição, que variou numa profundidade de 30 a 50 cm. Enquanto nos dois níveis anteriores havia certa escassez de material, a partir dos 30 cm de profundidade, uma imensa quantidade de fragmentos (ósseos, cerâmicos, de vidro e louça e outros itens) começou a aflorar abaixo das telhas. Quanto ao conteúdo do material encontrado na feição, cerca de $\frac{3}{4}$ foram de fragmentos ósseos, possivelmente restos alimentares. Destes, quase a mesma proporção correspondeu a fragmentos muito pequenos (de dimensões menores que 4 cm^2), talvez esmigalhados no momento de criação do depósito. Porém, mais do que em qualquer outro nível, os fragmentos ósseos maiores que 16 cm^2 somaram 4% da amostra para essa categoria material, indicando uma maior preservação das camadas mais profundas encobertas pelas telhas. Entre as louças, observou-se aumento no tamanho dos fragmentos à medida que se aprofundaram os níveis, ainda que a quantidade tenha se reduzido. Enquanto no primeiro os fragmentos maiores que 2 cm de diâmetro somaram 38%, no terceiro representaram quase metade do total.

Nesse nível, as faianças portuguesas foram encontradas em maior quantidade do que as faianças finas (cerca de 20% a mais), o que não veio a acontecer em nenhuma outra situação anteriormente descrita, tampouco na ocorrência da área 8.1. A prevalência da faiança portuguesa na base do depósito confirma a diacronia no uso dessas áreas estabelecidas pelo cálculo da data média das faianças finas. Assim, essa variabilidade material parece confirmar que a concavidade para o depósito de lixo doméstico na área adjacente à senzala foi aberta anteriormente às atividades desenvolvidas na área 8.1.

As cerâmicas encontradas na feição foram as que obtiveram maiores dimensões em todos os contextos escavados do sítio. Cerca de 80% dos fragmentos desse nível apresentaram tamanhos maiores que 2 cm de diâmetro.

A comparação entre as variações por nível nas dimensões de ossos, louças e cerâmicas entre as áreas 8.1 e 8.3 revelou notáveis diferenças nos padrões de integridade do material, demonstrando que o registro arqueológico foi diferentemente impactado pelos processos de formação cultural. A área 8.1 demonstrou baixa correlação entre profundidade e grau de integridade do material, sendo um pouco mais evidente no caso dos ossos, cujas proporções médias e grandes aumentam no nível 3, bem como no das cerâmicas, segundo indica o sutil aumento das proporções nesse último nível. A área 8.3, por outro lado, apresentou forte correlação entre profundidade e integridade no caso das cerâmicas e das louças. Para ambas as categorias, ocorreu um gradual decréscimo dos fragmentos de pequenas dimensões entre os níveis 1 e 3 e, conseqüentemente, um gradual aumento daqueles de proporções médias e grandes. O material ósseo, por outro lado, não acompanhou esse padrão.

73

As diferenças nos padrões de integridade do material entre as duas áreas dizem respeito tanto aos processos de formação cultural contemporâneos à ocupação do sítio — relacionados às práticas de descarte de refugo — quanto aos processos mais recentes, relativos, sobretudo, ao impacto diferencial da ação do arado sobre esses dois contextos. Para a primeira área, cabe lembrar que foi um espaço de convívio cotidiano muito provavelmente adjacente a uma das unidades de habitação que conformavam a quadra da senzala. Era um espaço no qual atividades diversificadas, relacionadas com o preparo e consumo de alimentos, foram realizadas. Ao mesmo tempo, a presença de uma

estrutura de fogueira contornada por restos alimentares osteomalacológicos — como foi evidenciada no local —, bem como por fragmentos de louças e cerâmicas, é uma clara evidência dessas práticas. Uma porção significativa do material encontrado na área enquadra-se, nesse sentido, na categoria de refugo primário, ou seja, foi descartado no mesmo local onde as atividades relacionadas ao seu uso ocorreram. Essa prática de descarte, adjacente à habitação e em um local de intensa atividade social, gerou forte impacto sobre o material já no momento em que o registro arqueológico se formava, dado que os ossos e cacos de louças e cerâmicas estavam diretamente expostos no solo e, assim, sujeitos ao pisoteamento de pessoas e animais, bem como à ação direta de agentes naturais como chuvas e demais intempéries. Tal exposição teve impacto direto sobre o nível de integridade do material, ainda mais acentuado pela ação recente do arado.

74

Por outro lado, na área 8.3, predominou, durante as primeiras décadas de ocupação do espaço, um padrão de descarte secundário, em uma concavidade exclusivamente utilizada para este fim. Deste modo, o material presente na feição apresentou maior nível de integridade, revelado por uma proporção significativamente maior de cerâmicas e louças de dimensões médias e grandes, dado que estavam menos sujeitas ao impacto posterior das atividades cotidianas do grupo. É interessante observar que mesmo as louças e cerâmicas do segundo nível, imediatamente acima da feição, apresentaram grau de integridade maior que as suas correlatas do mesmo nível da área 8.1 (comparar o nível 2 nas tabelas 2 e 3). Tal dado sugere que, mesmo após o preenchimento da concavidade, essa área continuou destinada, primariamente, à deposição de refugo. Já o primeiro nível apresentou padrões de fragmentação do material análogos aos do mesmo nível da área 8.1, indicando, nesse caso, que o material passou pelos mesmos tipos de impacto que os seus correlatos da área vizinha.

O contraste entre o grau de integridade do material nas duas áreas sugere que seu estado de fragmentação no nível intermediário (nível 2) e, sobretudo no nível de base do depósito arqueológico (nível 3), esteve mais relacionado com as práticas de descarte e com a ação humana coeva a tais práticas do que com o impacto direto do arado sobre esses níveis. Já no nível mais superficial (nível 1), de 20 cm de espessura, o arado pode ter sido o principal agente responsável pelas similaridades nos padrões de fragmentação do material entre as duas áreas.

Por fim, cabe lembrar que os ossos apresentaram uma situação distinta, sem padrões definidos na relação profundidade/integridade, tendendo a apresentar, em todos os casos, uma proporção dominante de fragmentos pequenos. Inúmeros fatores podem ser elencados para explicar essa situação, tais como a maior fragilidade dessa categoria, orgânica antes que mineral, e, assim, mais sujeita ao impacto de agentes naturais que incluem a ação de animais e insetos, bem como intemperismos. Outro ponto a ser destacado é que, diferentemente das louças e cerâmicas, que tendem a apresentar formas e dimensões padronizadas, os ossos são referentes a inúmeras espécies domesticadas e silvestres, de tamanhos variados, havendo ainda enorme variação no tamanho dos ossos em um único animal. Dessa forma, a variável tamanho, para essa categoria, não apresenta a mesma consistência analítica que para o material cerâmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDEN, D. 1996. *The making of an enterprise: the Society of Jesus in Portugal, its empire and beyond. 1540–1750*. Stanford: Stanford University Press.

ARAÚJO, A. 2001–2002. “Destruído pelo arado? Arqueologia de superfície e as armadilhas do senso comum”. *Revista de Arqueologia*, v. 14-15, 07–28.

BINFORD, L. 1981. “Behavioral Archaeology and the Pompeii Premise”. *Journal of Anthropoogical Research*, v. 3, 195–208.

FARIA, S. C. 1988. *A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

FERREIRA, L. M. s./d. *O solar do colégio e as políticas culturais: a preservação deste patrimônio e a sua ressignificação*. Manuscrito não publicado, 14 p.

GUGLIELMO, M. G. 2011. *As múltiplas facetas do vassal “mais rico e poderoso do Brasil”: Joaquim Vicente dos Reis e sua atuação em Campos dos Goytacazes (1781–1813)*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

HEATH, B.; BENNETT, A. 2000. “The little Spots allow’d them”: The Archaeological Study of African-American Yards”. *Historical Archaeology*, v. 34 (2), 38–55.

LAMEGO, A. 1934. *A Planície do Solar e da Senzala*. Rio de Janeiro: Livraria Católica.

LEWARCH, D.; O'BRIEN, M. 1981. "The expanding role of surface assemblages in archaeological research". *Advances in Archaeological Method and Theory*, v. 4, 297–342.

LIMA, T. A. [et al.]. 1989. "Aplicação da Formula South a Sítios Históricos do Século XIX". *Dédalo*, v. 27, 83–97.

MARCH, A. B. 1988. *Verde Planície, Velho Solar*. Rio de Janeiro: Ramos.

OSCAR, J. 1985. *Escravidão e Engenhos*: Campos; São João da Barra; Macaé; São Fidelis. Rio de Janeiro: Achiamé.

77

RIORDAN, T. B. 1988. "The interpretation of 17th Century Sites though Plow Zone Surface Collections: Examples from St. Mary's City, Maryland". *Historical Archaeology* v. 22 (2), 2–16.

SAINT-HILAIRE, A. 1941. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

SCHIFFER, M. B. 1972. "Archaeological Context and Systemic Context". *American Antiquity*, v. 37 (2), 156–165.

SILVA NETO, A. P. 2007. *Revisão da classificação da família linguística Purí*. 83 f. Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília.

SLENES, R. W. 1999. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil Sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

SOARES, M. S. 2009. *A remissão do cativo: a dádiva da alforria e o governo dos escravos nos Campos de Goitacazes, c.1750- c.1830*. Rio de Janeiro: Apicuri.

SOUTH, S. 1972. “Evolution and Horizon as Revealed in Ceramic Analysis in Historical Archaeology”, *The Conference on Historical Site Archaeology Papers*, v. 6, 71–116.

_____. 1977. *Method and Theory in Historical Archaeology*, New York: Academic Press.

ZETIRRY, A. 1894. A lavoura no estado do Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro.